



Cuca e sua irmã Gaya

**quando os cães
também rezam**

O NOVO TESTAMENTO é um livro cheio de narrativas surpreendentes. Uma delas é a oração dos cães. Talvez esta afirmação surpreenda o leitor. Talvez seja difícil lembrar-se onde tal oração aparece. Deixem-me lembrar.

Encontramos o texto no evangelho de MARCOS (Mc 7, 24-30). Uma estrangeira aproxima-se de Jesus e implora-Lhe que ajude a sua filha. De repente, os cães surgem. Jesus diz-lhe que não deve tirar o pão dos filhos para o dar aos cães. Ela, cheia de amor e sabedoria, responde que também os cães comem migalhas que os filhos deixam cair da mesa.

ALEJANDRO GARCÍA DURÁN, mais conhecido como CHINCHACHOMA, viveu no México com as crianças da rua. Ele diz ser esta uma das mais belas orações. Uma das que mais agradam a Deus. E gostava de afirmar: «Eu rezo assim: ão, ão, ão». E ele, que vivia na rua, sabia do que

falava. Jesus também. Marcos conta que, perante a resposta da mulher, Jesus lhe disse: *«Como falas acertadamente!»* E Mateus, elaborando um pouco mais a ideia, confirmou: *«Mulher, grande é a tua fé!»* (Mt 15, 21-28). Obviamente, Jesus ajudou a filha desta mulher.

Voltando à oração, não deixa de surpreender a força que ela contém. Imagine-se um cão a ladrar, olhando com olhos cristalinos para um pouco de comida. Um pedido feito oração, uma oração feita pedido. Nem o evangelho nem nós falamos de cães. Ou talvez. Falamos daqueles que tratamos como cães. Falamos daqueles que afastamos e para os quais só deixamos migalhas. E falamos sobretudo da sua oração. Uma oração ouvida e um pedido que espera resposta. Nos anos setenta tornou-se popular aquela oração que dizia: *«Deus não tem mãos, tem apenas as tuas mãos»*. Sem dúvida, a oração do cão deve colocar-nos em acção. Há um grito silencioso, mas

que não deixa de ser grito. É sufocado, subtil, mas intenso. Como tantos gritos deste mundo que se escondem atrás de uma palavra, de um olhar, de um gesto. Ouvi-los, reconhecê-los e dar-lhes uma resposta é urgente. É isso que Jesus faz.

São muitos os gritos que ninguém ouve, impondo-se outras formas de os manifestar. Como o latido de um cão. Latido que é oração, porque é espera, porque é um pedido de socorro a Jesus. A um Jesus que reconhece a pessoa e lhe dá uma resposta sem se importar com a sua origem ou o seu cartão de identidade, se é que o tem. Um latido que também é interpelação para nós. De onde é que vem esta voz? O que é que me está a ser pedido? Como posso reconhecer este apelo? Caminhar pela vida é também ser capaz de ouvir os outros, de rezar com eles e de atender às suas expectativas. São preces feitas a Deus, mas que esperam a nossa resposta. Caminhar pela vida

implica saber acompanhar, saber parar, saber sentar-se à beira do caminho. Trata-se de aprender a estar, a observar, enquanto se curam as feridas.

Tudo no Evangelho nos convida à transformação. No entanto, temos de evitar o risco de nós próprios nos transformarmos em cães. Não naqueles que rezam e esperam as migalhas, mas naqueles que se vão tornando incapazes de entender as palavras e os sinais das pessoas, que distraidamente se vão esquecendo dos outros. A transformação que esta oração nos pede é estarmos atentos à realidade e às necessidades daqueles que vamos afastando no caminho da vida. Ouvir, entender o que está por detrás dos seus gritos, e responder a essas interpelações, que uma vez feitas orações, não são apenas suas, mas também de Deus.

por MANU ANDUEZA

<https://blog.cristianismeijusticia.net/2023/03/10/cuando-los-perros-tambien-rezan>

Não fugir para Emaús

NÃO SÃO POUCOS OS QUE hoje olham para a Igreja com pessimismo e desencanto. Não é a que eles desejariam. Uma Igreja viva e dinâmica, fiel a Jesus Cristo, verdadeiramente comprometida em construir uma sociedade mais humana.

Vêm-na imóvel e desfasada, excessivamente ocupada em defender uma moral obsoleta que já interessa a poucos, fazendo penosos esforços para recuperar uma credibilidade que parece encontrar-se «abaixo dos mínimos». Vêm-na como uma instituição que está quase sempre aí para acusar e condenar, poucas vezes para ajudar e infundir esperança no coração humano. Sentem-na com frequência triste e aborrecida, e de alguma forma intuem – como o escritor francês GEORGES BERNANOS – que **«o oposto de um povo cristão é um povo triste»**.

A tentação fácil é o abandono e a fuga. Alguns, faz tempo, que o fizeram, inclusive de forma ruidosa: hoje afirmam quase com orgulho acreditar em Deus, mas não na Igreja. Outros vão-se distanciando dela a pouco a pouco, «na ponta dos pés e sem fazer barulho»: sem dizer a quase ninguém, vai-se apagando no seu coração o afecto e a adesão de outros tempos.

Certamente seria um erro almentar nestes momentos um oti-

mismo ingénuo, pensando que virão melhores tempos. Ainda mais grave ainda seria fechar os olhos e ignorar a mediocridade e o pecado da Igreja. Mas o nosso maior pecado seria **«fugir para Emaús»**, abandonar a comunidade e dispersarmo-nos cada um de nós pelos nossos caminhos, afundados em decepção e desencanto.

Temos de aprender a «lição de Emaús». A solução não está em abandonar a Igreja, mas em refazer a nossa vinculação com algum grupo cristão, comunidade, movimento ou paróquia onde possamos compartilhar e reavivar a nossa esperança em Jesus.

Onde homens e mulheres caminham perguntando-se por Ele e afogando-se na sua mensagem, aí se faz presente o Ressuscitado. É fácil que um dia, ao escutar o Evangelho, sintam de novo «arder o seu coração». Onde uns crentes se encontram para celebrar juntos a Eucaristia, lá está o Ressuscitado alimentando as suas vidas. É fácil que um dia «se abram os seus olhos» e o vejam.

Por mais morta que possa aparecer diante dos nossos olhos, nesta Igreja habita o Ressuscitado. Por isso também aqui fazem sentido os versos de António Machado: **«Pensei que a minha casa estava apagada, revolvi as cinzas... queimei a mão»**.